



UC/FPCE — 2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Violência no Namoro e sua Relação com Características
Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante
Universitário**

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:
alexandracsilva@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento
e Aconselhamento sob a orientação da Prof. Doutora Maria São João
de Castilho Brêda

Violência no namoro e a sua relação com as dimensões pessoais e interpessoais do jovem adulto estudante universitário

Resumo: No contexto da investigação atual, a violência no namoro tem sido objeto de estudo de várias investigações tentando compreender as fatores associadas à prática de comportamentos agressivos no casal. Neste sentido, a presente investigação pretende explorar a existência da relação entre a violência no namoro e algumas características do desenvolvimento pessoal, assim como o suporte afetivo/emocional que o indivíduo possui.

Assim, utilizou-se uma amostra de 251 jovens adultos (205 mulheres e 96 homens), a frequentar o ensino superior, com uma média de idades de 22 anos e 3 meses (DP= 2.65). Foi-lhes proposto que respondessem a um Questionário Sociodemográfico, ao Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.) e ao Questionário de Vivências Académicas (Q.V.A.).

Os resultados encontrados revelam que existem relações de associação entre a prática de violência no namoro e o relacionamento com a família, assim como com o bem-estar psicológico do indivíduo. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas de acordo com o género.

Palavras chave: Violência no namoro, adulto emergente, estudante universitário, família, pares, dimensões pessoais.

Dating violence connection with personal and interpersonal characteristics of young adults who are college students

Abstract: Recent research in love relationships has spread among very studies that try to understand the reasons behind violent acts taken place by a member of the couple. With that in mind, the current study aims to explore a possible link between the violence within a love relationship with the individual's development, personal experience and affective / emotional support.

It was used a sample of 251 young adults (205 women and 96 men), that were taking an university degree, with an average of 22,3 years old (SD= 2.65). They were purposed to take a Social demographic Survey, a Domestic Violence Inventory (I.V.C.) and an Academic Experiences Survey (Q.V.A.)

The results show that there is a link between violent acts in love relationships and family support and relationship. Furthermore, there is also a link between those acts and the individual's psychological wellbeing. However, major differences according to gender were not found.

Key Words: Violence in love relationships, young adults, university students, family, peers, personal dimensions.

Agradecimentos

Aos meus pais e ao meu irmão, por me terem apoiado durante este percurso e por desculparem as minhas oscilações de humor durante este último ano.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria São João Castilho Brêda pela orientação e apoio que me disponibilizou para esta investigação.

Um especial agradecimento a quem se disponibilizou a dar o seu contributo nesta investigação.

Às minhas primas, Ana Filipa e Ana Rita por me terem ajudado imenso este ano e pela amizade.

À Sónia, ao Cascalheira, à Pietra, à Flávia, à Marta, à Carolina, ao Fábio e à Patrícia pela amizade e apoio incondicional que me deram ao longo de anos e anos.

À Elodie e ao Tiago, pois apesar de só nos termos cruzado este ano foram um apoio enorme, formamos uma equipa bastante equilibrada e forte.

À Mariana, à Ana Rute e à Inês Bernardes que para além da amizade me ajudaram imenso nesta investigação, um muito obrigada.

E aos restantes amigos (não mencionados) e conhecidos por terem passado pela minha vida durante este meu percurso académico, onde todos de uma forma ou de outra me ensinaram algo.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Conceptual	1
1.1. Adulto emergente	1
1.2. Desenvolvimento pessoal	3
1.3. Desenvolvimento psicossocial no jovem adulto estudante universitário	5
1.4. Relacionamento com a família	7
1.5. Relacionamento com os pares e parceiro romântico	9
1.6. Relações amorosas no adulto emergente	10
1.7. Violência na relação de namoro	11
II – Objetivos e Hipóteses	14
III – Metodologia	15
3.1. Participantes	15
3.2. Instrumentos	16
3.2.1. Questionário sociodemográfico	16
3.2.2. Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.)	17
3.2.3. Questionário de Vivências Académicas (Q.V.A.)	17
3.3. Procedimentos	17
3.4. Análise de dados	18
IV – Resultados	18
4.1. Estatísticas descritivas das variáveis em estudo	18
4.2. Consistência interna	20
4.3. Análise inferencial	22
V – Discussão	23
VI – Conclusões	26
Bibliografia	27
Anexos	30

Índice de Tabelas

Tabela 1. Distribuição da amostra em função do sexo (frequência e percentagem)	15
Tabela 2. Caracterização da amostra em função dos alvos de comportamentos agressivos numa relação amorosa (frequência e percentagem)	16
Tabela 3. Caracterização da amostra em função da prática de comportamentos agressivos numa relação amorosa (frequência e percentagem)	16
Tabela 4. Caracterização da amostra em função do sexo e o contacto (telefónico) com a família de origem (frequência e percentagem)	16
Tabela 5. Médias e Desvios-padrão das variáveis em estudo (N=251)	18
Tabela 6. Percentis do I.V.C.	19
Tabela 7. Prevalência dos diferentes atos de maltrato físico relatados pelos sujeitos na relação atual/passada	19
Tabela 8. Prevalência dos diferentes atos de maltrato emocionais relatados pelos sujeitos na relação atual/passada	20
Tabela 9. Consistência interna do I.V.C. (N=251)	21
Tabela 10. Consistência interna do Q.V.A. (N=251)	21
Tabela 11. Coeficientes de correlação entre as pontuações do I.V.C. e as escalas do Q.V.A.	22

Introdução

A violência no namoro é um tema amplamente estudado e abordado, contudo, estudos que se focam nesta temática destacam essencialmente a violência doméstica e a violência contra menores. Desta forma, outras dimensões que contribuem para a compreensão do fenómeno da violência, como por exemplo, os contextos sociais/relacionais e a dimensão pessoal, tanto do agressor como da vítima, poderão ser negligenciadas (Caridade, Machado & Vaz, 2006).

O autoconceito do indivíduo permite entender a perceção que este tem de si mesmo e das suas capacidades, sendo que esta perceção é construída através das vivências do sujeito e da observação dos comportamentos das suas figuras significativas (Lima & Seco, 1990).

No que diz respeito ao relacionamento familiar e dos pares, ambos têm um contributo significativo para um bom desenvolvimento do indivíduo, uma vez que são figuras que podem proporcionar suporte emocional ao longo da vida do sujeito (Arnett & Tanner, 2006).

A presente investigação pretende encontrar resultados que explorem a existência de uma relação entre a violência no namoro e as características pessoais e interpessoais do indivíduo. Se porventura essas relações afetivas forem seguras, e o indivíduo deter de um autoconceito positivo, possivelmente terá ferramentas capazes de lidar com as agressões, tanto de ordem física como emocional, por parte do parceiro/a.

Com o intuito de observar essas relações, foi aplicado um Inventário de Violência Conjugal, I.V.C. (Machado, Matos & Gonçalves, 2000), um Questionário de Vivências Académicas, Q.V.A. (Soares, Almeida & Ferreira, 1997) e um Questionário Sociodemográfico (de modo a obter informações pessoais dos sujeitos).

A estrutura desta pesquisa tem a seguinte ordem: I) Enquadramento conceitual, apresentando a revisão da literatura efetuada, com o intuito de esclarecer conceitos considerados essenciais; II) Objetivos e Hipóteses; III) Metodologia, refere os participantes, os instrumentos, procedimentos e a análise estatística utilizada para o tratamento dos dados; IV) Resultados, mencionando as estatísticas descritivas das variáveis em estudo, a consistência interna das escalas utilizadas e a análise inferencial; V) Discussão dos resultados obtidos na investigação, e possíveis explicações através da revisão da literatura; VI) Conclusões desta investigação, as suas implicações teóricas e práticas, as suas limitações e algumas sugestões para estudos futuros.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Adulto emergente

À semelhança de todas as transições de desenvolvimento, esta fase compreende um período de mudança na vida do sujeito. Desta forma, o contexto e as interações podem aumentar as vulnerabilidades do indivíduo ou

criar oportunidades para uma transformação positiva (Arnett & Tanner, 2006).

Segundo Arnett e Tanner (2006), a teoria do adulto emergente surgiu de modo a conceptualizar o desenvolvimento dos jovens numa sociedade que se tornou industrializada, definindo assim, um período diferente, posterior à adolescência abrangendo idades entre os 18 e os 25 anos. Esta nova fase adveio de uma mudança, na segunda metade do século XX, em que os jovens passaram a investir na educação superior, consequentemente atrasando o casamento e a parentalidade.

O adulto emergente tende a apresentar percursos escolares extensos durante os quais a maioria dos jovens está totalmente afastado do mercado de trabalho. Este facto contribui assim para o prolongamento do referido estatuto social de “não produtivo”, onde o jovem deve encarar o estatuto de estudante como uma atividade à qual se deve dedicar a tempo integral, sendo a família de origem um contributo fundamental para que tal seja possível (Cavalli, 1997).

O trabalho é visto hoje pelos jovens não apenas como uma tarefa que lhes deve permitir autonomia económica, mas também como um lugar de realização pessoal. Esta visão do trabalho pode também, de algum modo, exigir um período mais longo de ajustamento ao mercado de trabalho, ou seja, pode ser necessário mudar algumas vezes de trabalho, ou mesmo de profissão, até se encontrar uma atividade que o indivíduo considere gratificante (Arnett & Tanner, 2006).

Segundo Arnett e Tanner (2006), o adulto emergente não é autocentrado nem egocêntrico como o adolescente. Vários estudos comprovaram que o jovem adulto tem uma consideração pelos sentimentos dos outros, compreendendo melhor o ponto de vista do outro. Uma característica que salienta essa mesma preocupação é a relação com os seus pais, que são encarados por eles como pessoas e não apenas como pais.

De acordo com Breunlin (1988, citado por Scabini, Marta & Lanz, 2006) a transição para a vida adulta não constitui mais um curto espaço de tempo composto de passos precisos, mas sim uma longa transição marcada por numerosas microtransições. Segundo Scabini et al. (2006) a transição para a vida adulta toma a forma de uma dupla transição, desde a fase da adolescência à do novo adulto, e deste para a fase da vida adulta completa. Estas não são duas transições bem definidas, porém, têm atributos de uma fase preparatória (microtransições), como a aquisição de alguma responsabilidade nas organizações no contexto social, tendo apenas para a próxima fase (macrotransições), caracterizadas por eventos, como começar uma família ou adquirir o estatuto de trabalhador com responsabilidades significativas.

Ao debruçarmos sobre algumas teorias explicativas, deparamo-nos com a Teoria de Jean Piaget, que sugere a possibilidade de um novo estágio, um seguimento depois da adolescência. Segundo a mesma, muitos indivíduos experienciam um desequilíbrio do pensamento, que pode levar a uma significativa expansão do pensamento, e consequentemente, a um novo estágio, ou, até mesmo, a uma série de estágios (Arnett & Tanner, 2006).

Erik Erikson (*s.d.*), embora influenciado por Freud (teoria psicosssexual), procurou uma perspetiva diferente sobre o desenvolvimento humano, a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, no qual a construção

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

biológica, a organização pessoal da experiência e o meio cultural dão significado, forma e continuidade à existência do indivíduo. O modelo de desenvolvimento proposto por Erikson foi concetualizado num esquema que comporta oito estádios, que pontuam desde o nascimento até à velhice, sendo que cada etapa corresponde a um período cronológico específico, caracterizada por um conflito normativo expresso sob forma bipolar, constituído por dois pólos, extremos (uma vez que o estádio da adolescência seria pautado pelo dilema, identidade *versus* confusão).

Erikson, mais tarde referiu-se ao estádio seguinte à adolescência, intitulado-o de adolescência prolongada, característico de uma sociedade industrializada. Considerando que, nesta fase a sua identidade está definida e fortalecida, o indivíduo está apto para unificar a identidade do outro, sem se sentir ameaçado. O conflito proposto para o jovem adulto, relaciona-se com a intimidade *versus* isolamento. A intimidade refere-se à capacidade de amar e de se entregar e a vínculos sociais estáveis e abertos. Por sua vez, o isolamento apresenta dificuldades que o indivíduo tem ao relacionar-se, relações inautênticas, problemáticas e instáveis. O núcleo de relações significativas envolve parceiros com ligações de amizade, sexo ou cooperação, apresentando comportamentos psicossociais de encontrar-se ou perder-se no outro e tendo como virtude o amor/afiliação (Lerner, Lamb & Freund, 2010).

Ainda de acordo com a teoria de Erikson, a capacidade do indivíduo de manter o equilíbrio, demonstra a maturidade do jovem adulto. Essa maturidade, segundo o autor, refletir-se-ia por exemplo na capacidade de aceitar do outro, mesmo havendo um passado distinto do seu, tanto culturalmente como ideologicamente (Lerner et al., 2010). Tanto o adolescente como o jovem adulto, “lutam para estabelecer uma autodefinição funcional” (Ferreira & Hood, 1990, p. 393).

Bynner (2005) crítica a perspetiva de Arnett, questionando a ênfase colocada na instabilidade e liberdade, defendendo que estas características têm implicações e significados distintos para os jovens, e definindo através de marcadores sociodemográficos, não considerando as experiências do indivíduo nas suas trajetórias biográficas. Segundo Coimbra (2008), “torna-se essencial perceber se este contexto de transformação, em que se privilegiam os recursos pessoais em detrimento dos sociais, pode contribuir para o aumento ou diminuição das desigualdades sociais, tendo em conta o carácter de reorganização e de reestruturação de projetos de vida que estas mudanças provocam” (citado por Brandão, Saraiva & Matos, 2012, p. 303).

Brandão et al. (2012) realçam também o facto de que, ao admitirmos que o adulto emergente é uma figura nova correspondente a um novo período de desenvolvimento, esta assunção deslocaria para um estatuto de negligência, para todos os indivíduos que não tivessem passado por essa experiência, sugerindo que estes, passam da adolescência para a adultez, sem experienciarem a adultez emergente.

1.2. Desenvolvimento pessoal

Baumeister (1996, 1998, 1999a) citado por Mónico (2003), refere que a base do self é composta por três princípios, a experiência da consciência reflexiva – o ato de refletirmos em nós, de tentarmos aprender algo sobre nós;

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem

Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail: alexandracsilva@gmail.com) 2016

a experiência do ser interpessoal – tendo em conta que o self se constrói através da interação com os outros, inicialmente com a família, e alargando-se a outras organizações; e a experiência da função executiva – como a autorregulação, controlo, escolhas, autodeficiência (o indivíduo encontra-se autofocado), autoeficácia e autonomia.

Para Mead (*s.d.*), a única forma possível dos indivíduos adquirirem uma identidade é através da interação com os outros, organizando assim as ações futuras dos próprios indivíduos tendo em conta as respostas esperadas pelos outros. Na perspectiva de Mónico (2003, p. 73) “a internalização do outro generalizado, noção que se refere à conceção que o indivíduo possui sobre o modo como os outros o vêem, unifica e organiza o autoconceito”. Os adultos maduros tendem a desconstruir a sua visão convencional e reconstruir um self que pareça mais genuíno, e reconhecem a existência do conflito, estando dispostos a aceitar os impulsos. (Lerner et al., 2010).

Autores como Leonard, Beauvis e Scholl (1995) citados por Mónico (2003) afirmam que o autoconceito é constituído por quatro autopercepções relacionadas entre si: o self percebido – o qual abrange as percepções dos traços, valores e competências; o self ideal – que representa as características do self percebido desejadas para si e a autoestima – elemento avaliativo do self, e da distância entre o self ideal e o self percebido; e as identidades sociais – sistema através do qual os indivíduos se categorizam socialmente a si mesmos e aos outros.

L'Écuyer (1978) citado por Lima e Seco (1990), defende que o autoconceito não é linear, complexo e influenciado pelo contexto sociocultural ao longo da trajetória de vida de cada indivíduo, o autoconceito tem uma estrutura de natureza multidimensional e hierárquica. Por sua vez, Lima e Seco (1990) afirmam que “o autoconceito académico constitui uma das componentes de uma entidade hierarquicamente superior, o autoconceito geral, e que tal como este, o primeiro é influenciado, na sua construção, pelas avaliações de outros significativos, como os pais, parceiros afetivos, pelo grupo de referência e pelas atribuições pessoais” (p. 307). Este autoconceito alude às competências que o indivíduo acredita ter, a sua avaliação e percepção comparativa com o grupo de referência.

Relativamente ao autoconceito, de salientar ainda que o jovem adulto permanece focalizado em si próprio (self-focused), e é distinguido por ter poucas obrigações, deveres e compromissos para com o outro. Contudo, apresentam uma maior autonomia, não havendo a necessidade de dar justificações ao outro, algo que apenas decorre nesta fase, não se perpetuando para o resto do seu desenvolvimento/vida. Esta fase seria vista como aquela que ocorreria antes de se comprometerem em relações duradouras, como no trabalho e no relacionamento amoroso (Arnett & Tanner, 2006). Na perspectiva de Costa (1991) a autonomia refere-se à capacidade que um indivíduo demonstra ao ser mais capaz de tomar decisões, tendo um estilo de vida independente, associado também a um sentido de responsabilidade. O indivíduo autónomo não sente necessidade de aprovação nem por parte dos pares nem da família.

1.3. Desenvolvimento psicossocial no jovem adulto estudante universitário

Nevitt Sanford (*s.d.*), foi pioneiro ao apresentar uma teoria que relacionava o desenvolvimento da personalidade com o percurso universitário. Esse desenvolvimento seria sustentado por duas condições, uma desafiante e outra de apoio, e pautado por três alterações importantes a referenciar este desenvolvimento: a libertação do impulso, o esclarecimento da consciência e a diferenciação e integração do ego. A primeira, a libertação do impulso, mencionando a vida pulsional, abrange as necessidades emocionais básicas. Como exemplo, o autor referiu os alunos do primeiro ano como tendo uma postura mais inibida e infantil comparada com a estrutura da personalidade dos alunos mais velhos, que desenvolveram uma capacidade de expressar os impulsos de forma mais aceitável e satisfatória. Relativamente, ao esclarecimento da consciência, podemos dizer que o estudante de primeiro ano chega à universidade com os valores transmitidos pela família, e ao se deparar com outros valores poderá pôr em causa os valores adquiridos anteriormente, no entanto, no decorrer do seu percurso académico vai-se tornando mais consciente dos seus padrões morais. A diferenciação e integração do ego aumentaria, uma vez que, à medida que o indivíduo encontra forma de se manifestar através das suas expressões, tende a sentir-se mais confortável e socialmente aceite, não se verificando a necessidade de se proteger como acontece no primeiro ano do estudante universitário. No decorrer do seu percurso académico e do seu desenvolvimento pessoal, geralmente sentem-se mais confiantes, estáveis na sua autoestima, mais tolerantes à ambiguidade, considerando-se mais seguros para aceitar novos desafios (Ferreira & Hood, 1990).

A Teoria de Desenvolvimento de Chickering (1969; 1976), aborda o desenvolvimento do jovem adulto, processando-se a partir de sete dimensões: desenvolver um sentimento de competência; desenvolver e integrar as emoções; desenvolver a autonomia; desenvolver a identidade; desenvolver as relações interpessoais; desenvolver um sentido de vida; e desenvolver a integridade (Ferreira & Hood, 1990; Ferreira, Medeiros & Pinheiro, 1997).

Para uma melhor compreensão de algumas dimensões, Chickering esclarece que a dimensão do desenvolvimento das relações interpessoais, menciona as relações que com o passar do tempo, deixam de ser ansiosas, defensivas, influenciadas talvez pelo seu passado e passam a ser mais amigáveis, espontâneas e respeitadoras. Em relação ao desenvolvimento da integridade, este clarifica o equilíbrio das crenças pessoais, orientando o comportamento do indivíduo, esta dimensão está dividida em três estádios, a humanização dos valores, a personalização dos valores e o desenvolvimento da congruência (Ferreira & Hood, 1990; Ferreira, Medeiros & Pinheiro, 1997).

No que concerne aos domínios psicossociais, Douglas Health (1965, 1977) apresentou o Modelo de Maturidade Psicológica, revelando a natureza da maturação, descrevendo os processos psicológicos e as funções características deste conceito, através de cinco domínios: no sentido do aumento das representações simbólicas da experiência; do aumento do aloctrismo; do aumento da integração; do aumento da estabilização; e do

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail: alexandracsilva@gmail.com) 2016

aumento da autonomia. O primeiro domínio, refere-se à capacidade de refletir sobre as relações pessoais. O segundo domínio explica a capacidade do indivíduo “deixar” de ser autocentrado começando a pensar mais nos indivíduos que o rodeiam. De modo a obter um aumento da integração, o indivíduo desenvolve a coordenação de aspetos da sua personalidade e autoimagem, fazendo com que tenha mais competências tanto ao nível intelectual como relacional. Para o aumento da estabilização, o indivíduo demonstra um autoconceito e identidade mais estáveis, tendo capacidade para dar uma resposta mais adaptativa a problemas. Em relação ao aumento da autonomia, o indivíduo é capaz de manter os seus padrões morais e convicções mesmo pressionado por outros. (Ferreira & Hood, 1990).

A experimentação de ameaças promove a regulação emocional do próprio indivíduo e também a regulação da proximidade com os outros. Esta regulação está associada ao coping, em que o indivíduo observa o comportamento do outro, como modelo para regular as emoções negativas. Quando as relações de vinculação resultam num bom funcionamento, o indivíduo aprende que a distância e autonomia são compatíveis com a proximidade e a dependência dos outros (Mikulincer & Shaver, 2007).

Compas (1998) defende a inclusão de um aspeto involuntário de coping como constituindo um processo em parte similar aos mecanismos de defesa ou reações emocionais. No entanto, a maioria dos pontos de vista acerca do coping diferenciam-nos dos mecanismos de defesa, definindo-os como pensamentos conscientes, como sentimentos e comportamentos (Lerner et al., 2010). O desenvolvimento do Coping durante a fase de jovem adulto parece ser um refinamento das estratégias existentes. Em comparação com os adultos, os jovens adultos ainda usam mecanismos de defesa imaturos, como a agressão passiva, fantasia e hipocondria, quando confrontados com circunstâncias consideradas stressantes (Valliant, 1977).

McCarthy, Lambert e Moller (2006) estudaram o papel da capacidade geral de lidar com o stress e a capacidade específica de regular o afeto negativo na relação entre vinculação aos pais e adaptação à universidade, concluindo que a capacidade de lidar com o afeto está envolvida num maior sucesso daqueles que apresentam uma vinculação segura aos pais (Machado, 2007).

Torna-se crucial abordar a resiliência, estando esta relacionada genericamente aos padrões de adaptação positiva, no contexto de ameaças significativas, para o funcionamento e o seu desenvolvimento. Segundo Aquilino, citado por Arnett e Tanner (2006), a identificação de um grupo de indivíduos com evidência de resiliência, durante a adultez emergente, exige definições operacionais daquilo que seria uma boa capacidade de adaptação a experiências de risco significativas ou adversidade no passado ou no presente. Alguns investigadores optaram por explorar diferentes critérios de adaptação. Aquilino (2006, citado por Arnett & Tanner, 2006) define resiliência com base no quão boa ou bem-sucedida uma pessoa é a alcançar tarefas de adaptação, no mundo externo. No entanto, outros investigadores definem resiliência com base na ausência de psicopatologia, em vez da presença de um comportamento positivo, embora esta definição negativa geralmente implique um certo grau de funcionamento positivo e ajustamento psicossocial adequado.

1.4. Relacionamento com a família

A adultez emergente é uma fase única e fascinante do desenvolvimento, uma vez que, as transformações individuais deste período treinam a transformação da rede de relações familiares. Esta fase trabalha a autonomia física e psicológica relativamente à família, enquanto procura ao mesmo tempo manter os laços emocionais com os pais e outros parentes. Estes fornecem apoio emocional e material necessários para reforçar o adulto emergente a usufruir das oportunidades de vida e bem-estar. Por sua vez, os novos comportamentos, papéis e transições do jovem adulto transformam as relações familiares (Aquilino, 2006, citado por Arnett & Tanner, 2006).

Cooley (1909) e Scabini (1995) apontaram a família como sendo um grupo primário, uma vez que exerce um papel fundamental na construção da identidade e de uma sociedade individual. Na verdade, a família está na origem do fenómeno da própria civilização em que garante o processo generativo em termos biológicos, psicológicos, sociais e culturais (Murdock, 1949 citado por Scabini et al., 2006).

Na perspetiva relacional-intergeracional, o conceito de relação revela a importância da união entre as pessoas, tendo uma dimensão intergeracional. Muitas vezes a literatura refere-se à relação como um termo usado como sinónimo de interação. Na perspetiva de Scabini et al. (2006) a interação e a relação são distinguidos e interconectados, como dois níveis de análise diferentes, cada um capaz e com o seu próprio valor. Os autores consideram ainda que a interação é uma parte indispensável de qualquer observação da família e que, por sua vez, permite aceder ao nível relacional. Por sua vez, a interação é a substância tangível da vida familiar e, portanto, o ponto de partida obrigatório para qualquer análise familiar.

As relações familiares são permeadas e sustentadas por significados manifestos e latentes, tendo uma qualidade simbólica. A estrutura de significado latente resulta da convergência de qualidades básicas que caracterizam os laços familiares, sendo expressas na literatura, como a intimidade, as emoções, o apoio e compromisso. A família é vista como um excelente contexto para as qualidades afetivas (Scabini et al., 2006).

A Teoria do Afeto segundo Erickson, identifica o vínculo de confiança entre mãe-filho fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento, referindo que a confiança e esperança estão no cerne do indivíduo. De acordo com Meltzer e Harris (1983) citados por Scabini et al. (2006), infundir a reprodução de esperança e confiança, é a identidade da família, são objetivos fundamentais no que diz respeito às novas gerações. Resultados de desconfiança e desespero surgem quando as famílias não conseguem gerar confiança e esperança. De acordo com a teoria dos autores, a tensão entre esses sentimentos (confiança-desconfiança; esperança-desespero) são o núcleo da família.

Durante a transição do adulto emergente, a família deve sincronizar duas forças antagónicas, a necessidade de manter a unidade familiar e o sentimento de pertença, sentida com mais intensidade pelos pais, e do impulso para a separação e autonomia, sentida mais fortemente pelos filhos. Os pais, devem promover uma transferência gradual de papéis adultos, mantendo uma posição de apoio à distância (Scabini et al., 2006).

Silva e Ferreira (2007) referem que a entrada do estudante para o ensino superior necessita de uma reorganização da família, de forma a satisfazer as exigências desta mesma transição, no sentido de promover um bom funcionamento tanto ao nível sistémico como pessoal, e de autoexploração por parte deste jovem, apoiando a sua inserção e adaptação, facilitando assim o processo de separação-indivuação. Se este estudante não receber este apoio por parte dos familiares, e estes apresentarem comportamentos controladores poderão ocorrer comportamentos de inadaptção por parte deste jovem adulto, afetando vários sistemas relacionais.

Com a entrada do estudante no ensino superior pode ativar-se o sistema de vinculaço. Autores como Dias e Fontaine (2001), e McCarthy, Lambert e Moller (2006), revelam que os estudantes universitários referem, maioritariamente, apresentar dificuldades na sua transição devido a problemas familiares que podem não apresentar conflitos abertos, o que demonstra a dificuldade que a família apresenta com o processo de separaço-indivuação. A construçõ progressiva de autonomia por parte dos jovens adultos necessita de apoio afetivo das suas figuras parentais, assim como o sentimento de segurana transmitido por estas figuras de vinculaço, de forma a que o jovem reconheça que estes significativos transmitem confiança, acessibilidade e sensibilidade. A procura do contacto, não tendo de ser necessariamente contacto físico, destes estudantes universitários às suas figuras de vinculaço para partilhar alguma experiênci ou emoço são também indicadores da qualidade da representaço de vinculaço. Segundo Machado (2007, p. 18) “a vinculaço não é o oposto da individualizaço; ideia reforçada pelas relaçoes significativas encontradas entre a segurana da vinculaço aos pais e a adaptaço pessoal, social e acadêmica em caloiros universitários e entre a segurana na vinculaço e menores níveis de ansiedade e sentimentos de solidão nos jovens universitários”.

Segundo Costa (1991), a individualidade reflete a separaço manifesta pela distinço face aos outros e da autoafirmaço manifestada pela capacidade de conseguir demonstrar a sua visõ. Costa (1991, p. 192) refere que “a separaço e a autoafirmaço na interaço familiar têm sido vistas como qualidades relacionais de famílias saudáveis porque permitem aos seus membros a possibilidade de ter opiniões”.

O processo de indivuação possibilita o adolescente a se reposicionar, passando de um jovem dependente das figuras parentais a jovem autónomo, tendo a família um papel importante para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo (Machado, 2007).

Muitos investigadores concordam que o desenvolvimento da identidade responde a duas necessidades básicas de pertença e de distintividade (Brewer, 1991, citado por Finchman & Cui, 2011). A necessidade de distintividade impulsiona para o estabelecimento e manutenço de um senso de diferenciaço face aos outros (Vignoles, Chysochoou & Breakweel, 2000 citados por Finchamn & Cui, 2011). A necessidade de pertença é a necessidade de manter ou aumentar sentimentos de proximidade ou aceitaço por outras pessoas (Baumeister & Leary, 1995 citados por Finchman & Cui, 2011). A necessidade de pertença na relaço familiar é satisfeita quando existe um elevado nível de coesão familiar. Muitos investigadores visualizam coesão

Violência no Namoro e sua Relaço com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

familiar em termos de intimidade, apoio, sentimento de proximidade e de pertença partilhada no seio da família (Olson, 1982 citado por Finchman & Cui, 2011). De acordo com Cigoli e Scabini (2006), a coesão familiar refere-se à força do vínculo familiar e inclui tais sentimentos e comportamentos como proximidade emocional e apoio social.

Costa (1991) refere ainda que a segurança que a família proporciona está mais ligada à autonomia do que aos afetos, no sentido em que os afetos criam condições de dependência e a autonomia promove a exploração da identidade. Da mesma forma, as famílias coesas podem desencorajar a exploração, inibindo o desenvolvimento da identidade.

Vicente e Sousa (2007) categorizaram a interação entre subsistemas da estrutura familiar em termos de uma combinação de duas variáveis, a proximidade-distância geográfica e emocional, gerando 3 categorias: a família unificada, caracterizada pela elevada proximidade geográfica e relacional; a família dispersa, com elevada proximidade relacional e baixa proximidade geográfica; e a família fragmentada, definida com uma baixa proximidade relacional.

De acordo com Bowlby (1969; 1982) citado por Mikulincer e Shaver (2007), a proximidade é como uma estratégia natural e primária do sistema de vinculação comportamental quando o indivíduo necessita de proteção ou suporte, tendo variadas funções como estabelecer e manter essa mesma proximidade com a figura de vinculação, protegendo também dos perigos que possam surgir para o indivíduo, promovendo assim algum conforto. Durante a fase do adulto emergente, a necessidade de procura da proximidade mantém-se com representações de segurança, promovendo uma capacidade de lidar com as ameaças existentes.

Pistole (1994) refere o indivíduo com vinculação insegura como sendo menos capaz de negociar problemas relacionados com a proximidade ou distanciamento (Mikulincer & Shaver, 2007).

A pessoa segura enfatiza a importância de estabelecer o equilíbrio entre proximidade e independência. Por outro lado, a pessoa evitante enfatiza a necessidade de impor limites na proximidade e intimidade. No que concerne à pessoa ansiosa existe uma ênfase na importância da proximidade e intimidade, mas não a importância da independência. Vários estudos demonstraram (Feeney, 1991b; Feeney & Noller, 1991; citados por Mikulincer & Shaver, 2007) revelaram que os problemas na regulação proximidade distância são evidentes em mulheres ansiosas e homens evitantes, referindo também que pessoas inseguras têm tendência para reagir com comportamentos desfavoráveis (hostilidade e raiva disfuncional) na interação com o parceiro, tendo também menos capacidades para perdoar comparativamente às pessoas consideradas seguras.

1.5. Relacionamento com os pares e parceiro romântico

Segundo Hinde (1979) e Collins (2003), as amizades e os pares românticos variam em conteúdo ou nos tipos de interações; o padrão, ou a distribuição da mudança positiva e negativa; a qualidade, ou o grau de capacidade de resposta que cada indivíduo mostra ao outro; e as respostas

cognitivas e emocionais de cada indivíduo aos eventos na relação (Aquilino, 2006, citado por Arnett & Tanner, 2006).

De acordo com Furman e Buhrmester (1992) os amigos são percebidos como a relação mais importante, sendo uma fonte de apoio durante a adolescência (Aquilino, 2006, citado por Arnett & Tanner, 2006)

Laursen e Williams (1997), aludem que o mundo social dos indivíduos envolvidos em relações amorosas, diferem daqueles que não estão, uma vez que o parceiro amoroso rapidamente se torna dominante na hierarquia das relações. Aqueles com parceiros amorosos, especialmente os do sexo masculino, interagem mais com o/a parceiro/a do que com os pares, no entanto, os do sexo feminino repartem os seus relacionamentos de igual forma pelos membros da família, amigos e parceiro/a romântico/a (Arnett & Tanner, 2006).

Collins (2003) obteve resultados que apontavam para uma mudança nas características qualitativas de relações de namoro entre os 15 e 17 anos. Ainda segundo o mesmo autor o namoro entre jovens adultos parece idêntico, apesar de alguns resultados suportarem a possibilidade de existir um carácter distintivo no comportamento, cognição e emoções a respeito dos relacionamentos. O exemplo mais convincente é a descoberta de que os padrões de interação social quotidiana mudam entre o início e o fim do período do adulto emergente (Aquilino, 2006, citado por Arnett & Tanner, 2006).

Oswald e Clark (2003) puseram em evidência sinais de uma mudança no início das amizades, ao descobrirem que os investimentos feitos no primeiro ano de faculdade, nessas relações, normalmente têm um declínio na satisfação, compromisso, recompensas, dos investimentos durante o primeiro ano na faculdade. A deterioração foi menor perante a manutenção de altos níveis de comunicação. Quando as melhores amizades foram mantidas em toda esta transição, o impacto negativo da solidão foi mitigado (Aquilino, 2006, citado por Arnett & Tanner, 2006).

Dos 18 aos 28 anos, os jovens frequentemente relatam necessitarem de experimentar uma grande variedade de relacionamentos pessoais e não se sentirem preparados para assumir um compromisso. Arnett (2004) tem visto isso como evidência de que a adultez emergente é um período de exploração, que tem o objetivo de determinar um bom ajuste entre o self e os outros significativos. (Aquilino, 2006, citado por Arnett & Tanner, 2006). Erikson (1968) alega ainda que a resolução de questões de identidade é um pré-requisito para uma verdadeira intimidade com o outro.

1.6. Relações amorosas no adulto emergente

Os seres humanos, similarmente, à maioria das outras espécies, tendem a demonstrar desconforto pelo desconhecido (pessoas, objetos e/ou situações), uma vez que este é potencialmente prejudicial, preferindo o que lhes é familiar. Os indivíduos desenvolvem uma vasta gama de convicções, expectativas, valores, atitudes e suposições sobre as relações a partir de experiências interpessoais anteriores, bem como da observação das relações dos outros. (Regan, 2011).

A fase do adulto emergente é um momento para os jovens explorarem as suas opções no romance e amor, para descobrirem com que tipo de pessoa

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

gostariam de se casar e de ganharem experiência nas relações antes de se decidirem por um parceiro permanente. Arnett propôs que o jovem adulto poderia ter muitas relações amorosas, sendo que essas relações podem ser autocentradas e instáveis (Finchman & Cui, 2011). As relações nesta fase são geralmente perdedoras por baixos níveis de compromisso, baixa relação de eficácia, elevados níveis de conflito, má comunicação, fraude, agressão, baixa satisfação e qualidade da relação (Rodrigues, Hall & Finchman, 2006; Simpson, 1987, citados por Finchman & Cui, 2011). No entanto, Collins e Van Dulmen (2006) apontaram para a existência de uma continuidade substancial nas relações íntimas, por exemplo, as relações parente-filho, amizades, relacionamentos amorosos (Finchman & Cui, 2011). Elder (1985) refere que as trajetórias de vida dos indivíduos são determinadas por uma série de etapas relacionadas com a transição de um estado para o outro, as quais são incorporadas e têm um impacto nessas trajetórias. O adulto emergente tem muitas possibilidades e opções, e essas escolhas que faz podem ter consequências nas trajetórias de vida posteriores. Portanto, a estabilidade, satisfação e intimidade nas relações amorosas é importante para os adultos emergentes e para o seu desenvolvimento (Finchman & Cui, 2011).

Arnett (2000) argumentou que as relações românticas da vida adulta emergente diferem notavelmente das dos adolescentes, ao serem caracterizadas por menos ênfase no companheirismo e um maior foco no potencial para a intimidade emocional mais profunda (Lerner et al., 2010). As relações próximas mudam drasticamente ao longo do percurso escolar, apresentando muitos novos desafios como provenientes do desenvolvimento humano em direção à idade adulta.

Segundo Bowlby, a motivação pode ser construtiva ou destrutiva no alcance dos objetivos, expressando caminhos funcionais ou disfuncionais, resultando em comportamentos relacionais positivos ou negativos, com respostas positivas ou negativas do parceiro e revela efeitos positivos ou negativos na relação (Mikulincer & Shaver, 2007).

1.7. Violência na relação de namoro

As transgressões, conflitos e as ofensas são inevitáveis na relação interpessoal, pois os interesses, atitudes e comportamentos de duas pessoas nem sempre estão em sintonia, e eventualmente isso afeta a relação com o parceiro ou com o outro. A resposta comum para estes eventos é o distanciamento do outro, para que este sofra com os seus atos ou para regular a raiva de forma construtiva e perdoar o ofensor. O indivíduo que tem tendência para perdoar o transgressor revela, de certa forma, um nível de empatia com este, vendo o transgressor como alguém humano, atenuando assim o seu comportamento. Na perspectiva da vinculação, este esforço de regulação é facilitado pelo indivíduo seguro, emocionalmente estável, tendo este tido modelos positivos ao longo da sua vida. No que concerne às vinculações inseguras, estas colocam em risco relações duradouras por causa da aflição e da insatisfação sentidas. A vinculação insegura contribui para o abuso e violência na relação íntima, sendo que o indivíduo inseguro tem habilidades de gestão de conflitos deficientes, inclinando-se para táticas coercivas, insultos e ameaças que podem levar ao conflito e terminar em

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

agressão e violência recíproca (Mikulincer & Shaver, 2007).

Do ponto de vista da perspectiva de vinculação a violência na relação íntima é uma forma exagerada de protesto contra a indisponibilidade do parceiro percebida e a falta de capacidade de resposta. A agressão é precipitada por comportamentos indesejáveis do parceiro ou por inseguranças sobre o futuro do relacionamento, e é destinada a desencorajar o parceiro a terminar a relação. Estudos indicaram que o abuso psicológico e físico ocorre durante conflitos na relação acerca de ameaças reais ou imaginárias de rejeição, infidelidade ou abandono (Pistole & Tarrant, 1993; citados por Mikulincer & Shaver, 2007).

Collins (2003) propôs cinco características como sendo úteis para descrever o que se sabe sobre as relações amorosas, que podem servir como modelo para organizar o que se sabe sobre a agressão e a violência nessas relações, sendo essas características dos relacionamentos as seguintes: o envolvimento ou não – a idade em que começam a namorar, e a consistência e frequência desses encontros; o/a parceiro/a de seleção - quem escolheram como parceiro; conteúdo - como são os parceiros, o que fazem juntos; a qualidade - a medida em que as relações proporcionam experiências benéficas tais como intimidade, afeto e nutrição, contra irritação, antagonismo, conflitos e comportamentos controladores; os processos emocionais cognitivos - a medida em que os parceiros experimentam as emoções destrutivas e respostas emotivas, percepções, expectativas, esquemas e atribuições em relação ao self e ao parceiro (Marcus, 2007).

Os relacionamentos aumentam na sua duração, no final da adolescência. O mesmo acontece com a importância da qualidade das relações, de boa ou má intimidade, juntamente com o aumento da pressão da família ou amigos para permanecerem juntos ou terminarem a relação, e a pressão adicional decorrente do fracasso e rescisão desses relacionamentos íntimos mais graves (Marcus, 2007).

Diferentes tipos de violência podem ocorrer nas relações amorosas nos adultos. Johnson propõe quatro variedades básicas de violência perpetrada pelo parceiro íntimo: violência do casal de caráter situacional, violência coerciva e de controle e violência de resistência. Destes, a violência do casal de caráter situacional e a violência coerciva e de controle são as mais estudadas (Regan, 2011).

A violência do casal de caráter situacional, refere-se a comportamentos violentos que surgem principalmente no contexto do conflito interpessoal. Este tipo de violência pelo parceiro íntimo está associado a uma má gestão da raiva, déficit de habilidade de comunicação, ou estratégias de resolução de conflitos ineficazes por parte de um ou ambos os parceiros. É comum ocorrer apenas durante uma discussão grave ou discordância em que um ou ambos os parceiros reagem impulsivamente e recorrem à violência, empurrando ou exercendo outras ações físicas para resolver o conflito. São lapsos, pois este descontrole é de natureza situacional, tendem a resultar em formas mais leves de agressão física e normalmente não se repetem no relacionamento (Regan, 2011). Finkel (2007, 2008) propôs uma organização da estrutura do evento agressivo para compreender os antecedentes, tendo em conta que este é considerado comum, modelando assim, esse tipo de violência

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

em função de três componentes: fatores desencadeantes de conflito; fatores do impulso de agressão; e de inibição ou autorregulação do impulso. Os fatores desencadeantes do conflito, dizem respeito a circunstâncias/condições que dão origem à raiva e frustração, como o mau humor ou um conflito particularmente difícil. Uma vez desencadeado o conflito, é o equilíbrio entre os fatores do impulso de agressão e da inibição/autorregulação do impulso que moderam o risco da violência real. Essas influências incluem fatores distais, tais como as normas culturais e da comunidade em relação ao sexo e violência familiar; fatores disposicionais como o neuroticismo, hostilidade, estilo da expressão raiva e autorregulação; fatores relacionais, como o sofrimento da relação presente, o grau de estratégias de resolução do compromisso e conflito; e fatores situacionais, tais como se os casais estão sozinhos e se as armas são de fácil acesso (Johnson, 2006, citado por Lerner et al., 2010).

A violência coerciva e de controlo é referida habitualmente como violência doméstica, e envolve violência física que está associada a um padrão crónico de intimidação emocionalmente abusiva, coerção e controlo. Usualmente envolve um parceiro (o agressor) num exercício persistente para assustar, manipular, aterrorizar, magoar, humilhar e ferir, de forma a dominar e controlar o outro (a vítima). Os abusadores empregam uma variedade de táticas na sua procura pelo poder e controlo. (Regan, 2011).

A Violência de resistência é motivada pela autodefesa, considerada por Regan (2011), a violência de autoproteção, e pode resultar num abuso adicional, pois o parceiro violento confrontado com a resistência física, pode sentir-se furioso, e os abusos tornarem-se mais graves.

Por vezes, a agressão física que os parceiros promulgam ou experienciam dentro do seu relacionamento amoroso é de natureza sexual ou ocorre concomitantemente com atos sexualmente agressivos. Existem duas grandes categorias de agressão sexual. A coerção sexual engloba o uso de manipulação verbal ou psicológica, pressão para obter o cumprimento sexual do outro indivíduo, através de ameaças. Este tipo de coerção não envolve ameaças de dano físico ou uso da força física. Por outro lado, a agressão sexual, por parte do companheiro, pode envolver o uso real ou ameaça física, danos corporais e atos sexuais, sem que haja consentimento por parte do/a parceiro/a (Regan, 2011).

A literatura tem vindo a evidenciar diversas estratégias, adotadas pelas vítimas. São exemplo destas, as técnicas apaziguadoras, que se focam em proporcionar um ambiente de paz e não um de confronto ou conflito (e.g., agradar o/a companheiro/a mantendo a casa limpa e arrumada, esperar pelo/a parceiro/a); e as técnicas de resistência, que envolvem combate verbal, recusa/resistência de fazer o que mandam, interrupção do conflito (e.g., sair de casa durante um período de tempo), ou até mesmo tentar terminar o namoro. Estas são as estratégias encaradas pelas vítimas, em desfavor de outras estratégias como procurar apoio formal/informal ou traçar um plano de segurança, que seriam mais eficazes (Wendt, Chung, Elder & Bryant et al, 2015).

II – Objetivos e hipóteses

O presente estudo pretende explorar e testar a existência de relação entre a experiência de violência nas relações íntimas (vitimização e/ou perpetração) e as dimensões do desenvolvimento pessoal e interpessoal, avaliadas pelo QVA. Em seguida, exponho os seguintes objetivos:

1. Caracterizar a experiência de violência no namoro reportada pela amostra no IVC, nos aspetos de perpetração, vitimação, e da sobreposição entre ambas as experiências;
2. A relação entre as variáveis vitimização/perpetração face à violência no namoro e a percepção de si mesmo;
3. A relação entre as variáveis vitimização/perpetração face à violência no namoro e relacionamento com a família;
4. A relação entre as variáveis vitimização/perpetração face à violência no namoro, e relacionamento com os pares.

Hipótese 1: A autonomia poderá estar negativamente associada com a violência nas relações íntimas.

O indivíduo que desenvolve níveis mais equilibrados de autonomia relativamente à dependência do outro, poderá não experimentar tantas situações de eventual frustração, e de conflito, que são potenciais desencadeadores de violência. Tendo em conta que o jovem adulto é caracterizado como um indivíduo que não tem elevado compromisso, apenas experimenta e testa a compatibilidade com o self.

Hipótese 2: A autoconfiança poderá estar negativamente associada com a violência nas relações íntimas.

A autoconfiança e a violência podem relacionar-se por causa da presença de recursos internos para lidar com eventuais frustrações e tensões na relação. A autoconfiança poderá ser vista também como um fator menor de dependência e maior autonomia.

Hipótese 3: A percepção pessoal de competência poderá estar negativamente associada com a violência nas relações íntimas.

À semelhança da autoconfiança, a percepção pessoal de competência pode estar relacionada com uma maior autoeficácia após resoluções bem-sucedidas de tensões ou conflitos na relação.

Hipótese 4: O bem-estar psicológico poderá estar negativamente associado com a violência nas relações íntimas.

O bem-estar psicológico será uma resultante da satisfação com a relação, que poderá ser um domínio desse bem-estar. Um indivíduo com níveis satisfatórios de bem-estar não tenderá, a seu ver, uma relação de violência.

Hipótese 5: A proximidade/qualidade da relação pais-filhos está negativamente associada com a violência nas relações íntimas (Brown & Bulanda 2006).

O apoio emocional dessa relação, promovendo o bem-estar, poderá facilitar o indivíduo a lidar com eventuais conflitos que possam surgir. A relação simétrica é plausível também, pois ao existir um conflito, a procura e importância do apoio emocional seja maior, e este apoio poderá conferir

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

recursos emocionais ou outros.

Hipótese 6: A proximidade/qualidade da relação pares está negativamente associada com a violências nas relações íntimas.

A proximidade com os pares pode não ser totalmente distinta da autonomia, ou autoconfiança. Também pode, do mesmo modo que a família, contribuir com apoio emocional, ou funcionar como uma base de aprendizagem por observação, potencialmente valiosa para as relações íntimas, em situações desafiadas na comunicação, ou em termos de autorregulação das emoções e impulsos. A relação simétrica faz sentido também, que perante desafios, os jovens adultos procurem os pares, e tragam recursos pessoais e ajuda para superar, de modo a evitar a violência. De acordo com Kenny (1987), Furman e Buhrmester (1992) citados por Machado (2007), referenciam os pares como sendo percebidos como a relação mais importante, como fonte de apoio e de segurança.

III - Metodologia

3.1. Participantes

O estudo, numa fase inicial, contou com a participação de 301 sujeitos (205 mulheres e 96 homens), com idades compreendidas entre 18 e 39 anos ($M=22,30$; $DP=2,65$). Tendo em conta que o estudo pretende avaliar a vitimação/perpetração do adulto emergente, foi necessário a retirada de 19 questionários, uma vez que os inquiridos possuíam idades superiores a 25 anos. Foram igualmente retirados mais 5 questionários devido à inexistência de um relacionamento amoroso passado ou atual. Após a análise dos domínios do Questionário de Vivências Académicas denotou-se uma observação discrepante nos valores obtidos, e, portanto, também estes foram retirados (26 questionários).

Considerando os ajustes necessários, a amostra perfaz um total de 251 participantes (178 mulheres e 73 homens, cf. Tabela 1), com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ($M=21,78$; $DP=1,63$).

Tabela 1. Distribuição da amostra em função do sexo (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Feminino	178	70,9
Masculino	73	29,1
Total	251	100

Tendo em conta, que um grande foco deste estudo é a violência nas relações íntimas, perguntou-se ao sujeito no questionário sociodemográfico, se alguma vez tinha sido alvo de comportamentos agressivos numa relação amorosa, na qual 49 participantes (19,5%) afirmaram que já foram alvos, 198 participantes (78,9%) afirmaram que nunca foram alvos desses mesmos comportamentos e 4 (1,6%) não responderam (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Caracterização da amostra em função dos alvos de comportamentos agressivos numa relação amorosa (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Sim	49	19,5
Não	198	78,9
Ausente	4	1,6
Total	251	100

Os participantes também foram questionados quanto à prática de comportamentos violentos numa relação amorosa, onde a maioria afirmou não ter praticado, 216 sujeitos (86,1%), 31 sujeitos (12,4%) afirmaram já terem exercido comportamentos agressivos numa relação amorosa e 4 sujeitos (1,6%) não responderam (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Caracterização da amostra em função da prática de comportamentos agressivos numa relação amorosa (frequência e percentagem)

	N	Percentagem %
Sim	31	12,4
Não	216	86,1
Ausente	4	1,6
Total	277	100

Os participantes foram igualmente questionados, em relação ao contacto (telefónico) com a família, onde a maioria, 189 sujeitos referiram um contacto diário, 60 sujeitos um contacto semanalmente, 1 sujeito mensalmente e 1 sujeito semestralmente (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Caracterização da amostra em função do sexo e o contacto (telefónico) com a família de origem (frequência e percentagem)

		Diariamente		Semanalmente		Mensalmente		Semestralmente		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo	Masculino	44	60,3	28	38,4	0	0,0	1	1,4	73	100
	Feminino	145	81,5	32	18,0	1	0,6	0	0,0	178	100

3.2. Instrumentos

3.2.1. Questionário Sociodemográfico

Visa obter informações acerca do inquirido bem como da sua relação amorosa. Está dividido em 3 segmentos, o primeiro referente aos dados demográficos (idade, sexo, estado civil, referência à instituição que frequenta, assim como o tipo, estatuto, ano e curso que frequenta) e a relação familiar do sujeito (com quem vive, contacto com a família), a segunda dá ênfase às relações amorosas do participante (número de relações, duração, informações sobre o companheiro) e por fim a terceira parte relativa à perpetração/vitimação de situações de violência, assim como os comportamentos resultantes da relação íntima, questões relativas a possíveis problemas numa relação de namoro.

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário
Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail: alexandracsilva@gmail.com) 2016

3.2.2. Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.)

O Inventário Violência Conjugal (Machado, Matos & Gonçalves, 2000) é um instrumento utilizado com o objetivo de identificar a vitimização e/ou perpetração de comportamentos abusivos, em relações do tipo conjugais. É composto por duas partes, A e B, ambas com 21 itens cada, formulados em escala tipo categorias (“Nunca...”; “Uma única vez...”; “Mais do que uma vez...”), que envolvem comportamentos fisicamente abusivos, comportamentos emocionalmente abusivos e comportamentos de coerção/intimidação. Na parte A do inventário, pede-se que os participantes refiram, se durante o último ano: a) os adotaram no contexto da sua atual relação afetiva; b) o seu atual parceiro os adotou em relação a si. Na parte B do inventário este procedimento é repetido, desta vez tendo como referência as relações afetivas anteriores dos participantes. A escala pode ser administrada individualmente ou em grupo, sem tempo limite. Não existe uma cotação da escala, tendo em conta que se trata de um inventário comportamental. A leitura deverá ser formulada item a item, observando a regularidade do uso de cada prática abusiva identificada. Para efeitos de investigação, os parceiros conjugais têm sido categorizados como maltratantes se admitem ter utilizado pelo menos um dos comportamentos elencados na escala (Machado et al., 2008).

3.2.3. Questionário de Vivências Académicas (Q.V.A.)

O Questionário de Vivência Académicas (Almeida, Soares & Ferreira, 1999) é um instrumento que procura avaliar as vivências dos alunos mais centrados em si próprios e no seu self, no curso e em aspetos de natureza mais contextual reportadas a dimensões mais associadas à instituição frequentada e ao contexto social envolvente (cf. Almeida, Soares & Ferreira, 1999, 2000). O Q.V.A. é um instrumento constituído por 17 subescalas. Recorreu-se apenas a 6 subescalas: Autonomia (n=12 itens; $\alpha=.76$), Perceção pessoal de competência (n=10 itens; $\alpha=.75$), Autoconfiança (n=12 itens; $\alpha=.80$), Bem-estar psicológico (n=14 itens; $\alpha=.88$), Relacionamento com os colegas (n=15 itens; $\alpha=.87$) e Relacionamento com a família (n= 10 itens; $\alpha =.82$). Os mesmos itens são formulados em escala tipo *Lickert* de cinco pontos (1 = Discordo muito; 2 = Discordo moderadamente; 3 = Nem concordo nem discordo; 4 = Concordo moderadamente; 5 = Concordo muito). A cotação do Q.V.A. é obtida através da recodificação (inversão) das pontuações dos itens formulados negativamente. A pontuação nas subescalas traduz o somatório da pontuação nos itens que as integram. (Soares et al., 2003).

No estudo de Soares e colaboradores, este instrumento apresentou uma boa consistência interna como podemos verificar nos valores, acima mencionados, dos coeficientes de *alpha de Cronbach* em cada subescala.

3.3. Procedimentos

A administração dos questionários ocorreu ao longo dos meses de abril e maio e a amostra foi conseguida através do processo “bola de neve”. Um conjunto de questionários foi entregue a sujeitos conhecidos que

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

frequentavam o ensino superior e os restantes a outros sujeitos que manifestaram interesse em participar no estudo. Os questionários foram recolhidos em Coimbra, Ourém, Alcobaça, Lisboa e Évora. Aos inquiridos foi explicado o objetivo do estudo, bem como a garantia do seu anonimato e confidencialidade das respostas. O preenchimento do protocolo demorava cerca de 15 a 20 minutos. A ordem das escalas foi previamente determinada, sendo que foram distribuídas de igual forma pelos sujeitos.

3.4. Análise de dados

A análise dos dados realizou-se com o *software* IBM SPSS Statistics 22. Procederam-se a análises descritivas e exploratórias com o intuito de confirmar as hipóteses, assim como a correlações bivariadas.

IV - Resultados

4.1. Estatísticas descritivas das variáveis em estudo

Encontram-se nas Tabelas 5 e 6 os dados descritivos de cada uma das variáveis em estudo para a amostra total.

No que diz respeito aos níveis totais do Inventário de Violência Conjugal, a *violência na relação atual – perpetração* podemos verificar que a média é de ,85 (DP= 2,96), variando a pontuação entre 0 (mínimo) e 32 (máximo) ; a *violência na relação atual – vitimação*, obteve uma média de ,92 (DP=3,41), variando a pontuação entre 0 e 34; a *violência na relação passada – perpetração* obteve uma média de ,97 (DP=2,62), variando a pontuação entre 0 e 20; a *violência na relação passada – vitimação*, obteve uma média de 2,14 (DP=4,98), variando a pontuação entre 0 e 38 (cf. Tabelas 5). Na tabela 6 podemos verificar que apenas 10% da amostra total relata atos de violência na relação atual – vitimação e perpetração e na relação passada – perpetração, quanto à relação passada – vitimação 25% da amostra total relata atos de violência (cf. Tabela 6).

Em relação às subescalas do Questionário de Vivências Académicas, a *Autonomia* obteve uma média de 3,60 (DP=,49), variando as pontuações entre 2,50 e 5,00; a *Autoconfiança* obteve uma média de 3,58 (DP=,51), variando as pontuações entre 2,10 e 4,90; o *Bem-estar psicológico* obteve uma média de 3,25 (DP=,53) variando as pontuações entre 1,90 e 4,65; o *Relacionamento com colegas* obteve uma média de 3,83 (DP=,38) variando as pontuações entre 2,72 e 4,67; o *Relacionamento com a família* obteve uma média de 3,84 (DP=,46) variando as pontuações entre 2,70 e 4,70; e a *Perceção Pessoal de Competências* obteve uma média de 3,78 (DP=,45) variando as pontuações entre 2,71 e 5,00 (cf. Tabela 5).

Tabela 5. Médias e Desvios-padrão das variáveis em estudo (N=251)

	M	DP	Min.	Máx.
Violência na relação atual – perpetração	,85	2,96	0	32
Violência na relação atual – vitimação	,92	3,41	0	34
Violência na relação passada – perpetração	,97	2,63	0	20

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário
Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

Violência na relação passada – vitimação	2,14	4,98	0	38
Autonomia	3,60	,49	2,50	5,00
Autoconfiança	3,58	,51	2,10	4,90
Bem-estar psicológico	3,25	,53	1,90	4,65
Relacionamento com colegas	3,83	,38	2,72	4,67
Relacionamento com a família	3,84	,46	2,70	4,70
Percepção Pessoal de Competências	3,78	,45	2,71	5,00

Tabela 6. Percentis no I.V.C.

	Percentis		
	75	90	95
Violência na relação atual – perpetração		2	5
Violência na relação atual – vitimação		2	6
Violência na relação passada – perpetração	2	2	6
Violência na relação passada – vitimação		8	11

A Tabela 7 e 8 demonstram a prevalência dos diferentes atos de maltrato físico (cf. Tabela 7) e maltrato emocional (cf. Tabela 8) relatados por ambos os sexos. Os seus resultados não revelam diferenças significativas entre género. No entanto, foi possível uma comparação de sexos, com o auxílio do Teste de proporções de Bonferroni, que revelou uma prevalência do sexo masculino na vitimação sobre o sexo feminino nos itens “*Dar uma bofetada.*” e “*Atirar Objetos.*”. Na perpetração, o sexo masculino prevalece comparativamente com o sexo feminino nos itens “*Puxar cabelos.*”, “*Dar bofetada.*” e “*Atirar objetos.*”.

Tabela 7. Prevalência dos diferentes atos de maltrato físico relatados pelos sujeitos na relação atual/passada

		N vitimação	% vitimação	N perpetração	% perpetração
Dar bofetada	F	18	13,04	31	33,70
	M	18	29,03	9	20,93
Dar empurrões violentos	F	23	16,67	13	14,13
	M	7	11,29	7	16,28
Atirar objetos	F	10	7,25	11	11,96
	M	12	19,35	8	18,60
Puxar cabelos	F	18	13,04	12	13,04
	M	9	14,52	7	16,28
Dar murros	F	5	3,62	6	6,52
	M	2	3,23	3	6,98
Ameaçar com armas ou usando força física	F	10	7,25	2	2,17
	M	1	1,61	1	2,33
Apertar o pescoço	F	8	5,80	1	1,09
	M	3	4,84	3	6,98
Causar ferimentos que <u>não</u> necessitam de assistência médica	F	8	5,80	3	3,26
	M	5	8,06	2	4,65

Dar sovas	F	5	3,62	2	2,17
	M	1	1,61	2	4,65
Forçar à prática de atos sexuais	F	11	7,97	3	3,26
	M	2	3,23	2	4,65
Dar pontapés ou cabeçadas	F	10	7,25	4	4,35
	M	2	3,23	2	4,65
Bater com a cabeça contra a parede ou chão	F	7	5,07	2	2,17
	M	0	,00	0	,00
Causar ferimentos que requerem intervenção médica	F	5	3,62	2	2,17
	M	0	,00	0	,00
Total	F	138	100	92	100
	M	62	100	43	100

Tabela 8. Prevalência dos diferentes atos de maltrato emocionais relatados pelos sujeitos na relação atual/passada

Situações		N vitimação	% vitimação	N	
				perpetração	%
Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir o/a parceiro/a	F	64	35,56	50	55,56
	M	24	36,36	17	39,53
Gritar/ameaçar para meter medo	F	38	21,11	13	14,44
	M	11	16,67	10	23,26
Partir coisas ou deitar comida ao chão para meter medo	F	20	11,11	13	14,44
	M	10	15,15	6	13,95
Impedir o contacto com outras pessoas	F	22	12,22	10	11,11
	M	12	18,18	4	9,30
Ficar com o salário da outra pessoa ou colocá-la em situação de privação económica	F	6	3,33	1	1,11
	M	1	1,52	1	2,33
Acordar o/a parceiro/a a meio da noite para meter medo	F	9	5	1	1,11
	M	5	7,58	4	9,30
Perseguir na rua, na escola ou local de trabalho	F	21	11,67	2	2,22
	M	3	4,55	1	2,33
Total	F	180	100	90	100
	M	66	100	43	100

4.2. Consistência interna

Foi testada a fidelidade do Inventário de Violência Conjugal a partir do cálculo do alfa de Cronbach¹, onde se obteve um valor considerado muito bom ($\alpha=.929$). Procedeu-se de igual forma para as dimensões do inventário (cf. Tabela 9). O valor encontrado para o domínio da *Violência na relação atual - perpetração*, é considerado também muito bom ($\alpha=.900$); o domínio da *Violência na relação atual - vitimação*, obteve um valor considerado muito bom ($\alpha=.926$); o domínio da *Violência na relação passada - perpetração*, obteve um valor considerado bom ($\alpha=.851$); o domínio da *Violência na*

¹ Para a interpretação dos resultados do alfa de Cronbach, utilizou-se a classificação de Pereira e Patrício (2013), definindo os valores inferiores a .50 como inaceitáveis; entre .50 e .60 fracos; entre .60 e .70 aceitáveis; entre .70 e .90 bons; e entre .90 e 1 como muito bons.

relação atual - vitimação, obteve um valor considerado muito bom ($\alpha=.917$) (cf. Tabela 9).

Tabela 9. Consistência interna do I.V.C. (N=251)

Dimensões	Alpha de Cronbach
Violência na relação atual – perpetração	,90
Violência na relação atual – vitimação	,93
Violência na relação passada – perpetração	,85
Violência na relação passada – vitimação	,92
Total	,93

O mesmo procedimento foi realizado para o Questionário de Vivências Acadêmicas, no qual algumas escalas sofreram alterações, tendo sido necessário eliminar alguns itens devido à sua correlação negativa ou próxima de 0. No domínio da *Autonomia*, eliminaram-se dois itens, o item “*Duvido das minhas capacidades intelectuais.*” (correlação com o total da escala de -.419), considerando-se que este item pertence também ao domínio da Percepção Pessoal de competências e no qual também teve uma correlação com o total negativa de -.295, e o item “*Considero-me uma pessoa dependente dos outros.*” (correlação com o total de .37). Na *Autoconfiança*, eliminou-se o item “*Face a um fraco resultado, penso logo que não vou conseguir fazer essa cadeira.*” (correlação com o total de -.538) e o item “*Evito participar nas aulas por não me sentir seguro/a.*” (correlação com o total de -.386). No *Relacionamento com a família*, retirou-se o item “*Ninguém na minha família partilha as minhas preocupações.*” (correlação com o total de -.430). No domínio da *Percepção Pessoal de Competências* retirou-se o item “*Não sinto uma correspondência entre o meu nível de investimento e os resultados académicos obtidos.*” (correlação com o total de -.196), o item “*Acho que os meus colegas não acreditam nas minhas capacidades.*” (correlação com total de -.209).

Depois das alterações realizadas, a fidelidade do Q.V.A. é considerada muito boa ($\alpha=.907$) (cf. Tabela 10). O processo foi realizado também para as dimensões do instrumento: o valor encontrado para a dimensão da *Autonomia* é considerado aceitável ($\alpha=.690$); a dimensão da *Autoconfiança*, obteve um valor considerado bom ($\alpha=.778$); a dimensão do Bem-estar psicológico, obteve um valor considerado bom ($\alpha=.805$); a dimensão do *Relacionamento com colegas*, obteve um valor considerado bom ($\alpha=.736$); a dimensão do *Relacionamento com a família*, obteve um valor considerado igualmente bom ($\alpha=.805$); e a dimensão da *Percepção Pessoal de Competências*, obteve um valor considerado aceitável ($\alpha=.682$). Como podemos observar na tabela abaixo, todos os valores do alfa de Cronbach situaram-se abaixo dos valores obtidos no estudo original do mesmo inventário.

Tabela 10. Consistência interna do Q.V.A. (N=251)

Dimensões	Alpha de Cronbach
Autonomia	,69
Autoconfiança	,78

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário
Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

Bem-estar psicológico	,81
Relacionamento com colegas	,74
Relacionamento com a família	,81
Percepção Pessoal de Competências	,68
Total	,91

4.3. Análise inferencial

Hipótese 1 - A autonomia poderá estar negativamente associada com a violência nas relações íntimas.

Analisando a relação de associação entre a dimensão (autonomia) do Q.V.A. e o I.V.C., calculada pelo coeficiente de correlação de *Spearman*, verifica-se que não há uma correlação considerada significativa (Cf. Tabela 11).

Tabela 11. Coeficientes de correlação entre as pontuações do I.V.C. e as escalas do Q.V.A.

		Autonomia	Autoconfiança	Bem-estar psicológico	Relacionam- ento com colegas	Relacionam- ento com a família	Percepção Pessoal de Competênci- as
Relação atual – vitimação	Spearman	-,086	-,063	-,051	-,122	-,210**	-,008
	Sig.	,292	,441	,528	,135	,009	,925
	N	153	153	153	153	153	153
Relação atual - perpetração	Spearman	-,097	-,068	-,088	-,104	-,196*	-,053
	Sig.	,233	,404	,280	,202	,015	,518
	N	153	153	153	153	153	153
Relação passada – vitimação	Spearman	-,061	,004	-,008	-,062	-,082	-,002
	Sig.	,336	,948	,898	,333	,199	,974
	N	247	247	247	247	247	247
Relação passada – perpetração	Spearman	-,081	-,107	-,146*	-,096	-,144	-,060
	Sig.	,201	,092	,021	,130	,073	,346
	N	248	248	248	248	248	248

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades)

**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades)

Hipótese 2 - A autoconfiança poderá estar negativamente associada com a violência nas relações íntimas.

Analisando a relação de associação entre a dimensão (autoconfiança) do Q.V.A. e o I.V.C., calculada pelo coeficiente de correlação de *Spearman*, verifica-se que não há uma correlação considerada significativa (Cf. Tabela 11). No entanto, salienta-se uma associação negativa, próxima de ser significativa entre a dimensão da Autoconfiança e a violência na relação passada-perpetração ($r_s = -.107$), com uma probabilidade associada de $p = .092$

(Cf. Tabela 11).

Hipótese 3 - A percepção pessoal de competência poderá estar negativamente associada com a violência nas relações íntimas.

Analisando a relação de associação entre a dimensão (percepção pessoal de competência) do Q.V.A. e o I.V.C., calculada pelo coeficiente de correlação de *Spearman*, verifica-se que não há uma correlação considerada significativa (Cf. Tabela 11).

Hipótese 4: O bem-estar psicológico poderá estar negativamente associado com a violência nas relações íntimas.

Analisando a relação de associação entre a dimensão (bem-estar psicológico) do Q.V.A. e o I.V.C., calculada pelo coeficiente de correlação de *Spearman*, verifica-se que estamos perante uma correlação negativa entre a dimensão Bem-estar psicológico e a violência na relação passada-perpetração negativa ($r_s = -.146$), com uma probabilidade associada de $p = .021$ (estatisticamente significativo) (Cf. Tabela 11).

Hipótese 5 - A proximidade/qualidade da relação pais-filhos está negativamente associada com a violência nas relações íntimas.

Analisando a relação de associação entre as dimensões do Q.V.A. e o I.V.C., calculada pelo coeficiente de correlação de *Spearman*, verifica-se que estamos perante uma correlação negativa entre a dimensão do Relacionamento com a família e a violência na relação atual-vítimação ($r_s = -.210$), com uma probabilidade associada de $p = .009$ (estatisticamente significativo). Assim como, entre o Relacionamento com a família e a violência na relação atual-perpetração ($r_s = -.196$), com uma probabilidade associada de $p = .015$ (estatisticamente significativo) (Cf. Tabela 11). Também podemos observar que o relacionamento com a família e a relação passada – perpetração tem uma relação de associação próxima de ser significativa ($r_s = -.144$ com uma probabilidade associada de $p = .073$).

Hipótese 6 - A proximidade/qualidade da relação pares está negativamente associada com a violências nas relações íntimas.

Analisando a relação de associação entre a dimensão (relação com os pares) do Q.V.A. e o I.V.C., calculada pelo coeficiente de correlação de *Spearman*, verifica-se que não há uma correlação considerada significativa (Cf. Tabela 11).

V - Discussão

A presente investigação pretendeu compreender como a autonomia, autoconfiança, percepção pessoal de competência, bem-estar psicológico, relacionamento com a família e os pares está relacionada com a presença de violência na relação íntima.

Primeiramente, de realçar o forte desequilíbrio da amostra em relação ao género, havendo uma grande maioria de participantes do sexo feminino (70.9%) comparativamente aos participantes do sexo masculino (29.1%).

Observa-se ainda que, apenas 49 participantes (19.5%) da amostra refere já ter sido alvo de comportamentos agressivos por parte do/a parceiro/a, e 31 participantes (12.4%) menciona a prática de comportamentos agressivos para com o/a parceiro/a. No entanto, quando comparamos com as pontuações obtidas no I.V.C., verificamos que, existiram 200 atos de vitimação de maltrato físico e 135 atos como perpetradores de maltrato físico. Em relação ao maltrato emocional foram relatados 246 atos de vitimação e 133 de perpetração. Verificando-se assim, que houve sujeitos que não se consideram nem vítimas nem agressores, mas pontuaram no I.V.C., talvez por serem formas mais leves de agressão, das quais consideram que não é violência. A fim de determinar qual a diferença de géneros, com o auxílio do Teste de proporções Bonferroni, observou-se uma prevalência do sexo masculino na vitimação sobre o sexo feminino, nos itens “Dar uma bofetada” e “Atirar objetos”; na perpetração, o sexo masculino prevalece comparativamente com o sexo feminino nos itens “Puxar cabelos”, “Dar bofetada” e “Atirar objetos”. Segundo Williams e Frieze (2005) citados por Lerner et al. (2010), as formas mais comuns de violência física parecem ser manifestações leves de violência, como empurrar, agarrar, perpetrados por ambos os parceiros. Os mesmos investigadores também constataram que mais de metade da violência relatada foi mútua. Entre ambos os sexos, o padrão mais comum de violência pelo/a parceiro/a, é a violência mútua leve, tendo sido significativamente associada a níveis elevados de angústia e baixos níveis de satisfação no relacionamento. Outra possível explicação seria, o facto de ambos cometerem agressões e por isso não as consideram, pois estariam a afirmar que também eram agressores. Bartholomew e Allison (2006) citados por Mikulincer e Shaver (2007) salientaram que “a correlação entre um parceiro ser violento e o outro também o ser, é acima de .60 na maioria dos estudos de violência no casal, o que sugere que as pessoas com tendências violentas optam, ou por outro companheiro, ou a violência do parceiro provoca o outro, à prática de violência, de igual forma.

Dos sujeitos inquiridos, em relação ao contacto (telefónico) com a família de origem, evidencia-se que o sexo feminino tem um contacto diário de 81.5% e o sexo masculino de 60.3%, o que vai de encontro com os autores, Soroku & Weissbrod (2004) citados por Machado (2007) quando referiram que as raparigas apresentam índices mais elevados de procura de contacto e proximidade emocional aos pais comparativamente aos rapazes.

Analisando as hipóteses sugeridas, tendo como base a revisão da literatura realizada, foram calculados coeficientes de correlação de *Spearman*.

A primeira hipótese (H1) pretendeu analisar a existência de uma associação entre a variável autonomia e a violência conjugal tanto na relação passada (vitimação e perpetração) como na relação atual (vitimação e perpetração). Para testar esta hipótese (e as restantes hipóteses), utilizou-se o cálculo do coeficiente de correlação de *Spearman* entre duas variáveis, onde se verificou a existência de correlação negativa baixa (estatisticamente não significativa). Ao contrário do que se observou nesta amostra, seria de se esperar que o indivíduo autónomo, fosse mais independente e não sentisse necessidade de se justificar perante o outro (Costa, 1991), ainda mais durante a fase do adulto emergente, em que estes são mais focalizados em si mesmo, e não desejam grandes compromissos, por se encontrarem numa fase

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

exploratória (Arnett & Tanner, 2006).

A análise da segunda hipótese (H2) teve como objetivo analisar a existência de uma associação entre a variável autoconfiança e a violência conjugal (relação atual vitimação; relação atual – vitimação; relação passada – vitimação; relação passada – perpetração), da qual verificamos que a hipótese não tem uma correlação significativa, no entanto, observa-se uma associação negativa próxima de ser significativa, entre a dimensão da autoconfiança e relação passada - perpetração ($r_s = -.107$), com uma probabilidade associada de $p = .092$. Seria de esperar que um indivíduo com níveis considerados de autoconfiança, fosse um indivíduo seguro e não estivesse numa relação em que houvesse violência. No entanto, como referido anteriormente, o indivíduo seguro, segundo Mikunlincer e Shaver (2007), tem tendência para perdoar o transgressor, pois considera que é um ser humano, e como todo o ser humano erra, inclusive o próprio, devemos ter essa capacidade de perdoar, atenuando assim o comportamento do agressor.

A terceira hipótese (H3), pretendeu analisar a relação de associação entre a dimensão perceção pessoal de competência e a violência conjugal (relação atual – vitimação; relação atual – perpetração; relação passada – vitimação; relação passada- vitimação), onde se verificou a existência de correlação negativa baixa (estatisticamente não significativa). A dimensão de perceção pessoal de competências, vai ao encontro das dimensões de autonomia e autoconfiança. Esperava-se que um indivíduo que acreditasse nas suas capacidades, à partida seria um indivíduo seguro, e estes indivíduos, segundo Cassidy, Kirsh, Scholton e Parke (1996) citados por Machado (2007), estão menos propensos a assumir tanto o papel de vítima como de agressor, mas mais uma vez não foi o que se observou nesta investigação.

A quarta hipótese (H4) pretendia estabelecer uma associação entre a variável bem-estar psicológico e ocorrência de violência conjugal, sendo que apenas se verificou que a hipótese obteve uma correlação negativa ($r_s = -.081$), com uma probabilidade associada de $p = .021$ (estatisticamente significativo), entre o bem-estar psicológico e a violência na relação passada – vitimação. Uma das explicações para estes resultados, segundo Arnett & Tanner (2006), está relacionado com a satisfação das relações do indivíduo. Uma vez, que o indivíduo se considera satisfeito com esses relacionamentos, indica que na vida deste, não se verifica conflitos que o aborreçam ao ponto de não se sentir bem.

Relativamente à penúltima hipótese (H5), com o intuito de observar uma associação entre o relacionamento com a família e a violência conjugal, encontrou-se uma correlação negativa entre a associação o relacionamento com a família e violência na relação atual-vitimação ($r_s = -.210$), com uma probabilidade associada de $p = .009$ (estatisticamente significativo), sendo também observado uma correlação negativa entre a associação o relacionamento com a família e violência na relação atual-perpetração ($r_s = -.196$), com uma probabilidade associada de $p = .015$ (estatisticamente significativo). Também podemos observar que o relacionamento com a família e a relação passada – perpetração tem uma relação de associação próxima de ser significativa ($r_s = -.144$ com uma probabilidade associada de $p = .073$). Fincham e Cui (2011), referiram alguns estudos onde se verificou uma

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail: alexandracsilva@gmail.com) 2016

associação positiva entre a qualidade da relação parente-filho e a estabilidade e qualidade de uma relação amorosa na idade adulta emergente, o que corrobora com os dados obtidos neste estudo.

A última hipótese (H6), pretendeu analisar a relação de associação entre a dimensão relacionamento com os pares e a violência conjugal (relação atual – vitimação; relação atual – perpetração; relação passada – vitimação; relação passada- vitimação), onde se verificou a existência de correlação negativa baixa (estatisticamente não significativa). Tendo em conta que o relacionamento com os pares é considerado por Arnett e Tanner (2006) como uma relação de elevada importância para o jovem adulto (assim como a família), por ser uma relação de suporte emocional, seria de esperar que o indivíduo que possui um bom apoio por parte dos pares, tenderia a não se encontrar numa relação com um agressor, no entanto, não se verificou essa associação negativa entre o relacionamento com os pares e a violência conjugal.

VI - Conclusões

Investigadores têm-se interessado ao longo dos anos, pelo papel do agressor e da vítima, numa relação amorosa, as causas associadas, a família como um preditor de violência, assim como o abuso de álcool e drogas, tentando estabelecer relações de causa-efeito.

No entanto, este estudo pretendeu analisar a existência de violências nas relações íntimas e algumas dimensões pessoais, como a autonomia, autoconfiança, perceção pessoal de competência e bem-estar psicológico, mas também a proximidade/qualidade das relações com a família e com os pares.

A presente investigação teve o interesse de explorar estes fatores e dinâmicas, no contexto de violência, a fim de compreender o que poderá ser um fator de proteção e/ou de risco para a população, denotando-se ainda, ser necessário estudos que se concentrem nesta problemática, abordando possíveis causas para que este fenómeno continue a ser cada vez mais recorrente na nossa sociedade, com o intuito de esclarecer o que é, e não é aceite numa relação.

Como pontos fortes desta investigação, pode destacar-se a importância da relação com a família, como fonte de apoio afetivo e emocional para o indivíduo, que se mostrou um elemento forte para um relacionamento amoroso com baixos níveis de violência física e emocional. Para além do relacionamento com a família, o bem-estar psicológico também se verificou, uma influência para os baixos níveis de violência.

Contudo, deve apontar-se algumas limitações desta investigação. A amostra utilizada é reduzida, impedindo assim, a generalização dos resultados para a população, sugerindo-se futuramente uma recolha mais alargada de sujeitos para a amostra. O facto da amostra, ser maioritariamente do sexo feminino, também é uma limitação desta investigação. A utilização de medidas de autorrelato como fonte de resposta única, eleva problemas de desajustabilidade social, sendo que a melhor forma de contornar este contratempo será através de cruzamento de dados com outras fontes de resposta. Outra limitação também a apontar, são os *alphas de Cronbach* das

escalas do Q.V.A., que apesar de validarem a escala ficaram muito aquém do esperado. Um dos possíveis motivos para tal acontecimento, poderá ter sido o facto desta investigação ter sido realizada em parceria com outras 2 (contendo mais 2 questionários, para além dos utilizados neste estudo), o que pode ter tornado o preenchimento das escalas muito extenso e cansativo para os sujeitos que participaram nesta amostra.

Durante o processo de preparação e revisão da literatura, constatou-se que existem poucas investigações que associem a violência no namoro e características pessoais e interpessoais no adulto emergente, talvez por este ser um conceito relativamente recente, o que é considerado limitador, no entanto, poderá ser inovador, no sentido de contribuir para investigações posteriores.

Para investigações futuras, seria importante para além das duas escalas apresentadas, implementar outra escala com os mesmos itens de perguntas do I.V.C., modificando os itens de resposta para se considera esse ato violência ou não. Essa sugestão vai na direção das crenças que o sujeito tem acerca desta temática, o que poderia explicar os resultados obtidos nesta investigação quando perguntado ao sujeito se se considerou alvo/praticou comportamentos agressivos numa relação, na qual a resposta quando comparada com as pontuações do I.V.C., revelou que a maioria considerou que nunca foi alvo/praticou comportamentos agressivos, no entanto, uma larga maioria foi alvo/praticou esses comportamentos, segundo o I.V.C.

Seria uma mais-valia continuar a explorar as dimensões pessoais do indivíduo numa relação de violência íntima, afim de compreender os resultados encontrados nesta investigação.

Valerá a pena, olhar para o papel da família, não só como um preditor de violência, mas também como um papel protetor desta. A relação com os pares também poderá ser uma boa ferramenta a explorar, pois tanto os pares como a família, são duas fontes de proteção, de suporte emocional para o indivíduo, mas também poderão ser duas fontes de risco.

Bibliografia

Andrade, C. (2006). *Antecipação da conciliação dos papéis familiares e profissionais na transição para a idade adulta: estudo diferencial e intergeracional*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 2, 255-267.

Arnett, J., & Tanner, J. (2006). *Emerging adults in America: coming of the age in the 21st century*. Washington: American Psychological Association.

Arnett, J. (1998). Learning to stand alone: the contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, 295-315.

Arnett, J. (1999). Adolescent storm and stress reconsidered. *American Psychologist*, 54, 317-326.

Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.

Arnett, J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, 8, 133-143.

Aronson, R., Kimberly, M., & Schaler, B. E. (2001). The post-feminist era: still striving for equality in relationships. *American Journal of Family Therapy*, 29, 109-124.

Bee, H. L. (1987). *The journey of adulthood*. New York: MacMilan.

Brandão, T., Saraiva, L., & Matos P.M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 3, 301-313.

Brannen, J., & Smitson, J. (1998). Conciliação entre o trabalho e os filhos: perspectivas de futuro para jovens de cinco países. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 27, 11-25.

Brown, S.L., & Bulanda, J.R. (2006). *Relationship violence in young adulthood: a comparison of daters, cohabitators and marrieds*. Ohio: Bowling Green State University.

Caridade, S, Machado, C., & Vaz, F. (2006). Violência no namoro: estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (24), 485-493.

Cavalli, A. (1997). The delayed entry into adulthood: is it good or bad for society? *Actas do Congresso International growing up between center and periphery*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Chisholm, L., & Hurrelmann, K. (1995). Adolescence in modern Europe: pluralized transition patterns and their implications for personal and social risks. *Journal of Adolescence*, 18, 129-158.

Conde, A. R., & Machado, C. (2010). Violência conjugal: representações e significados no discurso mediático. *Psicologia*, 24 (1), 17-47.

Costa, M.E. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. (1 ed.). Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica: Centro de Psicologia da Universidade do Porto.

Cui, M., Ueno, K., Gordon, M., & Finchman, F.D. et al. (2013). The continuation of intimate partner violence from adolescence to young adulthood. *Journal of Marriage and Family*, 75(2), 300-313.

Dixe, M., Rodrigues, A., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2010). A violência de género na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamentos de violência. Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Leiria. Disponível em <http://www.actassnip2010.com>.

Duarte, A.P., & Lima, M.L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.

Evans, N.J, Forney, D.S., & Guido-dibrito, F. (1998). *Student development in college*. (1 ed.). San Francisco: Jossey-Bass.

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário

Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail: alexandracsilva@gmail.com) 2016

Ferreira, J. A., & Hood, A. B. (1990). Para a compreensão do desenvolvimento psicossocial do estudante universitário. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 24, 391-406.

Ferreira, J.A, Medeiros, M.T., & Pinheiro, M.R. (1997). A Teoria de Chikering e o estudante do Ensino Superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 24(1), 139-164.

Finchman, F.D., & Cui, M. (2011). *Romantic Relationships in Emerging Adulthood*. New York: Cambridge University Press.

Fleming, M. (1993). Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e relação com os pais. Porto: Edições Afrontamento.

Gordon, T., Holland, J., Lahelma, E., & Thompson, R. (2005). Imagining gendered adulthood: anxiety, ambivalence, avoidance and anticipation. *European Journal of Women's Studies*, 12, 83-103.

Lerner, Lamb, & Freund (2010) (eds): Handbook of lifespan development volume 2: social and emotional development.

Lima, M.P., & Seco, G.M.B. (1990). Auto-conceito académico em adultos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 24, 303-315.

Machado, C., Matos, M., & Moreira, A.I. (2003). Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.

Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2008). *Manual da escala de crenças sobre violência conjugal (E.C.VC.) e do inventário de violência conjugal (I.V.C.)* (2Ed). Braga: Psiquilíbrios.

Machado, T.S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à universidade. *Psychologica*, 41(2), 5-28.

Marcus, R.F. (2007). *Aggression and violence in adolescence*. (1 ed.). New York: Cambridge University Press.

Mayseless, O., & Scharf, M. (2003). From authoritative parenting practices to an authoritarian context: exploring the person-environment. *Journal of Research on Adolescence*, 13, 427-457.

Mikulincer, M., & Shaver, P.R. (2007). *Attachment in adulthood: structure, dynamics and change*. New York: Guilford Press.

Mónico, L.S. (2003). O self que conhecemos e o self que mostramos. In Mónico, L.S (Ed), *Autopercepção da beleza física e estratégias de auto-apresentação em contextos de sedução* (p. 71-112). Porto: FPCEUP.

Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords.), In Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. Braga: Centro de Investigação em Educação, Braga.

Oliveira, M. S. A. (2009). *Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.

Pais, M. P., Caims, P., & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: retratos da diversidade. *Tempo Social*, 17, 109-140.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.

Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário
Alexandra Cristina Figueiredo Silva (e-mail:alexandracsilva@gmail.com) 2016

Pereira, A., & Patrício, T. (2013). *Guia prático de utilização do SPSS - análise de dados para ciências sociais e psicologia*. (8 ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Regan, P. (2011). *Close relationships*. (1 ed.). New York: Routledge.

Scabini, E., Marta, E., & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations: an intergenerational perspective*. (1 ed.). New York: Psychology Press.

Silva, S. L. R. (2003). *Adaptação académica, pessoal e social do jovem adulto ao ensino superior: contributos do ambiente familiar e do auto-conceito*. Dissertação de mestrado. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Silva, S.L.R., & Ferreira, J.A.G. (2007). Vivências pessoais, sociais e académicas dos estudantes em contexto do ensino superior: contributos do autoconceito e do ambiente familiar. *Psychologica*, 45, 195-237.

Soares, A.P., Almeida, L.S., & Ferreira, J.A. (2006). Questionário de vivências académicas: versão integral (QVA) e versão reduzida (QVA-r) [PDF]. Retirado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12110/1/QVA%26QVAr,%202006.pdf>.

Soares, I. M. C. (1996). Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Teixeira, A.I.G. (2015). *Violência física no namoro em jovens universitários*. Dissertação de mestrado. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Vicente, H.T., & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica*, 53,157-181.

Wendt, S., Chung, D., Elder, A., & Bryant, L. (2015). Seeking help for domestic violence: exploring rural women's coping experiences. *ANROWS*, (04), 7. Retirado de Acedido a 10 de junho, 2016, em http://whg.org.au/wp-content/uploads/2015/07/4_1-3-LandscapesRuralWomen-14-7-2015.pdf.

WViersma, J.D., Cleveland, H.H., Herrera, V., & Fischer, J.L., et al.. (2010). Intimate partner violence in young adult dating, cohabiting and married drinking partnerships. *Journal of Marriage and Family*, 72, 360-374.

Anexos

Anexo a – Consentimento informado

Anexo b – Questionário Sociodemográfico

Anexo a – Consentimento informado



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Consentimento Informado

Está a ser desenvolvida uma Investigação, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, com o propósito de estudar a perceção dos estudantes universitários de questões que afetam as relações íntimas incluindo a violência no namoro.

Vimos deste modo solicitar a sua participação neste estudo, através do preenchimento de um questionário. Asseguramos que os dados recolhidos são inteiramente anónimos e confidenciais, e serão unicamente utilizados para efeitos de investigação.

A sua participação neste estudo é voluntária e tem o direito de recusar ou desistir de colaborar caso assim o entenda.

Estamos à sua disposição para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir.

Obrigada pela sua participação!

Coimbra, 5 de Abril de 2016

A professora orientadora

(Maria São João de Castilho Brêda)

(Professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra)

Declaro que tomei conhecimento e aceito participar no estudo.

Data: _____

Assinatura/Rúbrica: _____

Anexo b – Questionário Sociodemográfico



Pretende-se com este estudo compreender melhor as questões que afetam as relações de namoro entre estudantes do ensino superior. Deste modo, a sua colaboração é muito importante para que este projeto se concretize. Será apenas necessário que responda, com sinceridade, ao questionário que se segue. Este questionário é anónimo e estritamente confidencial e as respostas nunca serão tratadas individualmente. Muito obrigada pela sua colaboração!

Questionário Sócio – Demográfico

1. Sexo: Masculino Feminino
2. Idade _____
3. Estado civil: Solteiro/a Casado/a Divorciado/a União de Facto
4. Estudante: Universidade Politécnico
5. Tipo de estudante: Estudante Nacional Estudante Internacional
- Estudante de mobilidade (ex.: Erasmus, Erasmus Mundus)
6. Curso que frequenta _____
7. Ano do curso _____
8. Estatuto: Estudante regular Estudante trabalhador Estudante atleta
- Estudante dirigente associativo/membro órgãos da UC
- Estudante integrado em atividades culturais
- Estudante com participação em atividades de reconhecido mérito universitário
9. Financiamento dos estudos: Pessoal Bolsa
10. Com quem vive em tempo de aulas? _____
11. Quantas vezes contacta, telefonicamente, a família de origem?
 - Diariamente
 - Semanalmente (uma ou duas vezes por semana)
 - Mensalmente (uma ou duas vezes por mês)
 - Semestralmente (uma ou duas vezes por semestre)
 - Anualmente (uma ou duas vezes por ano)
12. Com que regularidade vai passar o fim-de-semana à casa dos pais (caso não resida com os pais em tempo de aulas)?
 - Uma vez por trimestre
 - Uma vez por semestre
 - Uma vez por ano

Pedíamos-lhe que respondesse a algumas questões sobre a sua amorosa

13. Quantas relações amorosas já teve que tenham durado mais de 3 meses? _____
 14. Caso tenha no presente uma relação amorosa, responda às seguintes alíneas:
 - a. Duração do relacionamento: _____ anos _____ meses
 - b. Idade do(a) companheiro(a): _____
 - c. Sexo do(a) companheiro(a): Masculino Feminino
 - d. Situação académica e/ ou profissional do(a) companheiro(a): Estudante
- Abandono escolar Desempregado Trabalhador por conta própria
- Trabalhador por conta de outrem

15. Habilitações literárias do(a) companheiro(a):

1º ciclo de ensino básico (1º - 4º ano) <input type="checkbox"/>	2º ciclo de ensino básico (5º - 6º ano) <input type="checkbox"/>
3º ciclo de ensino básico (7º - 9º ano) <input type="checkbox"/>	Ensino secundário <input type="checkbox"/>
Ensino superior: <input type="checkbox"/> Bacharelato <input type="checkbox"/>	Licenciatura <input type="checkbox"/>
Mestrado <input type="checkbox"/>	Doutoramento <input type="checkbox"/>

16. Já alguma vez se viu envolvido em alguma situação de violência quando estava sob efeito de álcool? (Por favor, seleccione a(s) opções que se aplicarem ao seu caso)
 - a. Sim como agente de comportamento agressivo
 - b. Sim como alvo de comportamento agressivo
 - c. Não

17. Já se envolveu em alguma situação de violência quando estava sob efeito de drogas?
(Por favor, selecione a(s) opções que se aplicarem ao seu caso)

- a. Sim como provocador de violência: física verbal psicológica sexual
- b. Sim como vítima de violência: física verbal psicológica sexual
- c. Não

Por vezes os relacionamentos amorosos provocam determinados problemas pessoais, relacionais, sociais, de saúde, entre outros.

Quais dos seguintes problemas já viveu na sua vida em consequência de uma relação amorosa? Selecione as opções que se aplicarem ao seu caso.

Isolamento		Perda de autonomia	
Gravidez		Problemas de consumo de álcool	
Comportamentos sexuais de risco/desprotegidos		Problemas sociais	
Interrupção voluntária		Problemas económicos	
Problemas familiares		Problemas de sono	
Problemas com amigos		Problemas de saúde e bem-estar psicológico	
Depressão		Problemas de saúde sexual	
Perturbações alimentares		Problemas de saúde física	
Stresse		Problemas de imagem pública	
Problemas de autoconfiança		Perda de liberdade	
Problemas de desconfiança no outro		Ansiedade	
Ser traído(a) pelo companheiro(a)		Outros:	
Trair o companheiro(a)			

16. Já alguma vez se sentiu alvo de comportamento agressivo de alguma forma de violência numa relação amorosa?

- Sim Não

17. Já alguma vez se encontrou a exercer um comportamento violento numa relação amorosa?

- Sim Não